

Praça do Toural em Guimarães

Por duas vezes foi cingida de muros a antiga villa de Guimarães. A primeira cêrca foi obra do conde D. Henrique, segundo parece mais provavel, ou, pelo menos, foi por este principe reformada e augmentada. Com os privilegios e mais vantagens que lhe provinham de ser assento da corte, tanto prosperou e cresceu, que, passado seculo e meio, tinha a povoação rebentado o cinto com que a apertaram na infancia, estendendo-se por fóra das muralhas.

Então traçou-lhe el-rei D. Diniz nova e mais larga cêrca, que abrangesse dentro em si todas as casas. Não bastou o seu reinado para levar a cabo esta empreza. Continuou-a, porém, seu filho, D. Affonso IV, que a concluiu; e el-rei D. João I aperfeiçoou-a e robusteceu-a, addicionando-lhe altas torres ameiadas, com que ficaram melhor defendidas as diversas portas da villa.

O tempo e os progressos da humanidade não tardaram a zombar da nova pêa. A população trasbordou por cima dos muros de D. Diniz, e, como se procurasse compensação ao constrangimento em que vivêra quasi abafada pela estreiteza das ruas e pequenez dos terreiros, veiu sentar-se em volta de um grande campo, mesmo contiguo ás muralhas, para o lado de oeste. D'est'arte se formou a *praça do Toural*, conservando o nome antigo do campo, que, por ser alli a feira do gado, lhe chamavam do *Toural*, que vale o mesmo que se dissessem — *dos Touros*.

No principio foi-se guarnecendo de casas pelos lados de oeste e do sul, deixando inteiramente livre a muralha da villa, que limitava o campo pela parte de léste, entrando um pouco pela do norte. Assim se conservou até ao primeiro quartel do seculo XVIII; porém n'esse espaço de tempo, que não foi menos de dois seculos, fizeram-se consideraveis melhoramentos na dita praça, taes como um formoso chafariz, fabricado em 1588; um esbelto cruzeiro, erigido em 1650; e assentos de pedra junto da muralha, em todo o seu comprimento.

Este lanço de muro ficava entre a torre da alfandega e a torre de S. Domingos, chamada em eras anteriores *de Nossa Senhora da Piedade*, em razão de uma capella com esta invocação que estava proximo d'ella. Erguia-se a primeira d'estas duas torres na extremidade do campo para o lado sul, e a segunda no extremo do norte, fazendo ahi um angulo com a porta tambem chamada antigamente de *Nossa Senhora da Piedade*, e depois *porta da Villa*. A torre que a defendia tinha recebido o seu novo nome do convento de S. Domingos, da ordem dos prégadores, que fôra fundado perto do campo do Toural, e da sobredita torre.

Até ao periodo do seculo XVIII acima referido as casas d'esta praça eram quasi todas de alpendrada sobre columnas de pedra, ao uso antigo. Nos fins, porém, d'esse mesmo seculo, e no começo do seguinte, que é a epocha de maior prosperidade de Guimarães, pelo grande desenvolvimento da sua industria fabril e do seu commercio de exportação para o Brasil, procedeu-se á construcção de predios, que deram á praça do Toural um novo e mais grandioso aspecto.

Foi demolido até aos alicerces todo o lanço de muros da cêrca de D. Diniz, e em seu logar se edificaram dois quarteirões, compostos de differentes propriedades, mas sob um risco uniforme, e de architectura regular, relativa a cada quarteirão, com lojas, sobrelojas, e mais dois andares no quarteirão maior, e tres no mais pequeno, correndo-lhes pela frente um largo passeio lageado.

Onde estava a torre de S. Domingos, ao norte, construiu-se outro predio, parecido com estes, e n'esse mesmo lado se edificaram outros ao diante. *A porta da Villa* e a *porta Nova*, tambem denominada *postigo de Sampaio*, desappareceram, deixando franca passagem a duas ruas que entram na praça. A pri-

meira d'aquellas ruas, que conduz ao terreiro da Misericordia [1], e á rua Sapateira, e praça de Nossa Senhora da Oliveira [2], conserva o nome de *porta da Villa*.

Os outros lados da praça não apresentam regularidade de construcções; todavia foram-se reformando as velhas casas de alpendrada, e contam alguns edificios de boa apparencia.

A praça do Toural é bastantemente vasta. Não sabemos a medida da sua extensão, mas parece-nos, se não nos falha a memoria, que não será muito inferior á da nossa praça de D. Pedro, sendo tambem pouco menos larga do que esta.

Levanta-se o cruzeiro quasi na extremidade do norte. Assenta a cruz sobre uma esbelta e alta columna de ordem corinthia, se bem nos lembrâmos, cuja base está collocada em um patim, d'onde descem para a praça cinco degráos. No pedestal em que repoisa a haste da cruz lê-se a seguinte inscripção: *Esta obra mandou fazer o juiz e irmandade de Nossa Senhora do Rosario no anno de* 1650.

Corresponde ao cruzeiro, no lado opposto da praça, o chafariz, que é de fórma tão elegante e delicada, que podia servir de adorno no meio de qualquer jardim. Cae a agua de duas taças para um tanque cercado de assentos. As taças, e as mui delgadas columnas que as sustentam e separam, são cobertas de lavores, que, apesar de esculpidos no granito, produzem bello effeito. Sobre a taça superior serve de remate ao chafariz uma esphera de bronze doirado, coroando dois escudos egualmente de bronze, collocados um contra o outro, nos quaes se vêem pintadas as armas reaes em um d'elles, e uma aguia coroada no outro.

A nossa gravura, copiada de uma photographia, representa esta parte da praça, em que avulta o chafariz. Á esquerda vêem-se os dois quarteirões de que acima fallámos. A estampa mostra dois predios do maior, e parte do mais pequeno. As lojas d'estes quarteirões são occupadas quasi todas por mercadores de pannos de lã e de sedas. É aqui, nas lojas, e no passeio de lagedo que corre junto d'ellas, que se reunem diariamente os tafues e passeantes, para matarem as horas de ocio, conversando e inquirindo novidades. É o *Chiado de Guimarães*.

Outr'ora, quando o commercio dos linhos, das cutelarias e dos cortumes de coiros espalhava profusamente entre o povo de Guimarães riqueza e alegria, faziam-se a miudo pomposas festas na praça do Toural. Aproveitavam-se todas as solemnidades e quaesquer pretextos de regozijo publico para se fazerem danças populares com exquisitas invenções de vestuario, cavalhadas, fogo de vistas, e outras diversões, cujo apparato era realçado pela grandeza da praça, e pela multidão dos espectadores.

Hoje nada d'isto se faz, mas em seu logar vê-se alli semanalmente um espectaculo sem duvida mais curioso, mais bello e mais civilisador. É o grande mercado de Guimarães, de todos os sabbados. N'este ponto leva esta cidade a primazia a todos as povoações do reino. Cremos que nenhuma outra possue um mercado semanal de tanta importancia, tão concorrido de gente, de generos, mercadorias e gados. A praça do Toural apresenta n'esses dias um panorama encantador e pittoresco pela variedade dos productos alli expostos á venda, e pela diversidade e côres garridas dos trajos das camponezas, ou *lavradeiras*, como lhes chamam em todo o Minho. Enche-se a maior parte da praça com loiça de barro e de pó de pedra, de industria nacional, mas de differentes procedencias; de loiça fina ingleza; de objectos de vidro; cutelaria; ferragens; utensilios de uso domestico; espelhos e perfumarias; instrumentos agrarios, etc. No restante da praça, em volta do chafariz, estão dispostas hortaliças, frutas, aves, ovos, queijos, etc.

Mas não se julgue que a isto fica limitado o mercado. O visinho *terreiro da Misericordia* é todo occupado com barracas arruadas, em que se vende pannos de lã, sedas, chitas, cassas, e outras fazendas de lã, linho e algodão, de industria estrangeira e nacional, fato feito para os dois sexos, colchas, cobertores, etc. No *terreiro de S. Sebastião*, tambem visinho, que se communica com a praça do Toural pelo sul, e no espaçoso *terreiro de S. Francisco*, immediato a este, faz-se a feira de cereaes e legumes, e das suas variadas preparações. Ahi se vende por grosso, em saccas, e por miudo, mui differentes qualidades de trigo, centeio, milho, e suas respectivas farinhas; feijões e grão de bico, pão cozido de variadissimas fórmas, e de todo o genero de cereaes, pão de ló, biscoitos, e outros doces. No vasto *campo da Feira* [1], e nas ruas que o communicam com o *terreiro de S. Francisco*, faz-se a exposição de gados, em que abunda o vaccum.

Concorrem, pois, a este grande mercado milhares de expositores e compradores de muitas legoas em redor da cidade.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. a gravura a pag. 345 do vol. VI.
[2] Vid. a gravura a pag. 353 do vol. IV.

OS EMBRIAGADOS

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(Vid. pag. 210)

IV

— Ó Lourenço, vens escorropichar uma canada de vinho, e ajudar a comer uma caldeirada de sardinhas? — disse o colossal Menchaca parando á porta da casa de Lourenço.

— Não, que vou á egreja, e depois sáio com o cão e com a espingarda a ver se mato uma lebre.

— És um pateta! A melhor caçada é a que se faz com o copo e a garrafa em punho.

— Tenho que voltar cedo para casa, e continuarei a caçar com minha mulher a appetitosa ceia que ella costuma arranjar para quando eu chego. E então, deixa-me.

— Bem te comprehendo. Tu não queres vir á taberna porque não tens alma para gastar um pataco.

— Enganas-te, Menchaca! — exclamou Lourenço com altivez. Nunca me peza gastar dinheiro com os amigos.

— Palavras não são obras.

— Para que vejas tu e os outros que sou homem para gastar ainda que seja uma duzia de patacos, irei á taberna dentro em um momento. Vae para lá. Atraz de ti vou eu.

Rosa entrava na sala n'aquelle instante, e ouviu as ultimas palavras de seu marido.

— Aonde vaes, Lourenço?

— Empenham-se Menchaca e outros em que vá com elles á merenda.

— Na taberna?

— Sim.

— Lourenço, por Deus, não vás á taberna, nem acompanhes com essa gente.

— Vê, porém, mulher, que já estou compromettido...

— Não ha accordo que valha... Deixa-te d'isso.

— Já agora não ha remedio, porque prometti.

— Não conheces que fizeste mal em prometter?

— Tens razão, mulher; porém disseram-me que me negava a ir para não gastar um pataco, e quero provar-lhes que se enganam de meio em meio. O promettido é devido.

[1] Vid. pag. 92 d'este volume.

— Quando não é deshonroso o que se promette.

— Olha, minha Rosa, será esta a ultima vez que ponho os pés na taberna.

— Deus queira, Lourenço; mas não o quererá de certo, porque o que emprehende mau caminho não retrocede facilmente.

Lourenço dirigiu-se com effeito para a taberna, e pouco depois Rosa encaminhou-se para o templo.

A taberna estava a pouca distancia da egreja, e Rosa, ao sair d'esta, parou a fim de ver se apparecia á porta ou á janella seu marido, para lhe rogar por signaes que a acompanhasse a casa. Ouvia-se muito ruido na taberna, e Lourenço não chegava á porta nem á janella; mas, em compensação, Rosa viu sair da taberna, trazendo meio occulta debaixo do avental uma garrafa cheia de vinho, a velha que estivera em casa de Lourenço quando este era solteiro.

Aquella velha era conhecida na aldeia pela alcunha de *Botija*, que lhe quadrava perfeitamente. Afeiçoados ella e seu marido á *pinga*, como diz o vulgo, e tendo ambos o bom costume de beber em casa, e não na taberna, viam-n'a frequentemente com a garrafa debaixo do avental, fazendo viagens á taberna, e d'aqui se originou a alcunha que substituira o nome de Michaela.

A Botija, costumada a dispor á sua vontade da casa do ferreiro, sentia certo despeito de que outra mulher fosse tirar-lhe o dominio que tinha.

— Estás ahi á espera de teu homem? — perguntou a Rosa com certo entono maligno. Antes da meia noite não o verás em casa.

— Credo! Meia noite! Considere-o melhor, que elle não é dos que passam a noite na taberna, replicou Rosa desgostosa pela supposição de que seu marido fosse capaz de imitar Menchaca e outros dois ou tres perdidos, que no dia de festa estavam até altas horas da noite jogando e bebendo na taberna.

— Verás se me engano. Agora mesmo estão a dar cabo de um cabrito e do correspondente vinho, que não descerá de duas canadas por cabeça, e, se se enreda a funcção, não saem d'alli em quanto a auctoridade não os for tirar aos empuxões.

— Lourenço não dará occasião a isso.

— Livre-me Deus da agua mansa. Já falla mais gaguejado que o proprio Menchaca, e foi d'elle a lembrança do brodio final.

— Verá como se retira da funcção, disse Rosa morta de vergonha, dirigindo-se para a taberna com o fim de tirar d'alli seu marido.

Parou, todavia, debaixo da janella, porque lhe repugnava entrar n'aquella casa de desordens e embriaguez, e ouviu a seguinte conversação:

— O dito, dito; o que for homem, que seja capaz de devorar um cabrito e beber meio almude de vinho, sente-se aqui, dizia Lourenço tartameleando, posto tivesse bebido pouco mais de um quartilho.

— Dizes isso devéras?

— Devéras. Pensam vossês que não sou homem para gastar dois patacos, ou vinte, quando seja preciso?

— Sei que és, mas tens medo de tua mulher, replicou um dos convivas.

— Medo de uma mulher?

— Sim, sim, tens, responderam Menchaca, e mais dois ou tres.

— Desprézo, com duzentos mil demonios, todas as mulheres.

— Menos a tua.

— A minha!... Arrancar-lhe-hei a lingua se zombar de mim.

— Bravo! bravo! — exclamaram os circunstantes, batendo as palmas.

Rosa não sentiu indignação ao ouvir fallar assim seu marido; o que sentiu foi dor profundissima. A vaidade mal entendida era o que geralmente afastava Lourenço do caminho dos homens de bem.

— «Vens á taberna, Lourenço?» — diziam-lhe os amigos.

— «Não».

— «Anda, miseravel!»

E Lourenço, para mostrar que não era miseravel, ia á taberna.

Lourenço fazia alardo de que não temia sua mulher, e esta, pensando acertadamente, que era capaz n'aquelle instante de pôr n'ella as mãos por vaidade, deu alguns passos para se afastar da taberna, mas ao chegar em frente da egreja pensou que se era dever não se expor á violencia de seu marido, dever mais sagrado ainda era arrancar seu marido á taberna, antes que perdesse de todo a razão, e se fizesse objecto das zombarias da visinhança, e porventura da severidade da justiça.

Rosa enxugou as lagrimas, que lhe brotavam dos olhos, e voltou resolutamente para a taberna.

— Lourenço! — chamou aproximando-se á janella.

— Que novidade temos? — respondeu Lourenço.

— Ouve uma palavra.

Lourenço saíu fazendo *ésses*, por mais que se empenhasse em andar direito.

— Vem commigo para casa.

— Irei depois de merendar.

— Anda, que em casa merendarás.

— Não póde ser, mulher. Adeus, até logo, se não queres entrar para dar um beijo no cantaro.

Dizendo assim, Lourenço voltou as costas a sua mulher.

Durante este breve dialogo, Menchaca e os outros companheiros tinham chegado á janella.

Rosa ouvíra dizer que uma mentira innocente vale muito e custa pouco, e tratou de provar-lhe o valor.

— Vem, Lourenço, que me sinto doente, e vou-me deitar.

Lourenço ao ouvir dizer a sua mulher que estava enferma, parou na porta da taberna.

— Que tens?

— Não sei o que tenho, mas sinto-me bem mal.

— Pois anda, e toma uma tijela de caldo.

— Vem acompanhar-me, que temo se me esváia a cabeça ao passar a ponte.

— Pela vida das mulheres de brio!... — murmurou Lourenço, voltando-se para sua mulher já decidido a acompanhal-a; mas os que estavam á janella soltaram estrepitosa gargalhada, exclamando:

— Vivam os homens valentes!

Lourenço encarou-os, erguendo altivamente a cabeça, ainda que esta lhe pesava já muito.

— Para que fazes valentias se tens medo das sáias? perguntou-lhe Menchaca com provocativo sorriso.

— Medo!... — exclamou Lourenço, apertando furiosamente os punhos.

— Lourenço da minha alma, exclamou Rosa, aproximando-se amorosamente de seu marido, não faças caso d'esses homens, e acompanha-me que estou muito mal.

— Pois morre, e que te levem duzentos mil demonios! — replicou brutalmente Lourenço, desprendendo-se d'ella por meio de um empuxão, e voltando á taberna, entre os applausos bachicos de seus amigotes.

Rosa ficou silenciosa, e, sem poder conter uma torrente de lagrimas, dirigiu-se para casa; porém ao passar pela porta da egreja, que estava já quasi deserta, e só allumiada com a lampada do altar-mór, parou um instante, e penetrou no templo.

Um coração cheio de fé, e um templo só allumiado com a lampada do sacrario, triumpham da maior das dores.

Quando Rosa saíu da egreja, não havia já lagrimas

nos seus olhos, porque havia resignação na alma e esperança no coração.

Horas depois era tudo silencio no valle, e interrompiam-n'o sómente o murmurio do rio, e o latido dos cães.

De vez em quando abria-se uma das janellas da casa do ferreiro, e uma mulher assomava a ella, escutava attentamente, e não ouvindo passos nem voz alguma para o outro lado do rio, retirava-se fechando a janella.

É inutil dizer que esta mulher era Rosa. Esperava seu marido.

Quando o relogio da egreja de Santa Maria deu melancolicamente as doze horas, Rosa chegou por vigesima vez á janella, e figurou-se-lhe ouvir passos para o lado opposto da ponte.

Como n'aquella manhã chovêra muito, o rio ia cheio e bramava furioso no embate contra os pilares da ponte.

— Meu Deus! — exclamou Rosa cheia de angustia, estende-lhe a tua mão e livra-o de todo o mal.

E tomando apressadamente do lar uma lanterna, saiu de casa e dirigiu-se para o rio, temerosa de que seu marido caísse na agua ao atravessar na escuridão a alta e estreita ponte, desguarnecida de peitoris.

Ao approximar-se da ponte, Rosa retrocedeu dois passos espantada, porque á luz da lanterna descobrira um vulto escuro que se arrastava como reptil, descendo pela rampa da ponte.

O vulto ergueu-se com difficuldade assim que passou o perigo, e então Rosa reconheceu seu marido.

O instincto da propria conservação, que nunca falta aos animaes, tambem não falta nunca a outra especie de animaes a quem Deus deu razão, e que renunciam a ella por uma garrafa de vinho.

O estado de Lourenço inspirava profunda compaixão, ainda a quem não amasse Lourenço, com o sincero e generoso amor com que o amava sua mulher.

A pobre mulher a quem Deus disse: «ente debil que necessitas apoio para percorrer a dolorosa estrada da vida, ahi tens um ente forte que sustentará a tua fraqueza»; a pobre mulher a quem Deus disse isto, offereceu o debil hombro áquella pesada cruz, que apoiada n'elle voltou ao sanctuario do lar.

Só palavras de amor saíram aquella noite dos labios de Rosa, em quanto esta despojava seu marido da despedaçada e enlameada roupa, e o collocava no leito.

Na manhã seguinte, muito cedo, Rosa foi á fonte, e alli encontrou a Botija.

— Então hontem, disse-lhe esta com zombaria, teu marido ia-te sacudindo o pó?

— Pelo amor de Deus, sra. Michaela, respondeu severamente Rosa. Meu marido é incapaz de bater em ninguem, muito menos em sua mulher.

— Pois negarás que te deu um terrivel empuxão?

— Não nego, mas devo confessar que eu tive a culpa, pois deixando-me levar do meu genio forte, dirigi-lhe um insulto que nenhum outro marido deixaria de castigar.

— Hoje passa provavelmente o dia curando-se da embriaguez da vespera?

— Falle com mais respeito de meu marido, quando menos pela consideração que merecem os enfermos, pois meu marido o está.

— E dizem que ia arrebentando com o vinho?

— Está muito enganada.

O tom com que Rosa pronunciou as ultimas palavras, poz termo ás perguntas da Botija.

Quando Rosa voltou a casa, encontrou á porta da ferraria dois ou tres visinhos das povoações immediatas, que pretendiam que Lourenço lhes compozesse as ferramentas da lavoira.

— Quanto sinto que os srs. fizessem a jornada baldadamente, porque o pobre Lourenço está doente! — lhes disse Rosa.

— Isso é o peior, responderam os lavradores. E que tem? é coisa de cuidado?

— Não; molhou-se hontem de manhã, e está bastante constipado.

— Com uns poucos de dias de cama e uns xaropes, passará a molestia. Causa-nos algum transtorno ter de voltar, mas o peior é para o pobre Lourenço. Estimâmos as melhoras e até um dia proximo.

Os lavradores tomaram o caminho de suas povoações, e Rosa, satisfeita de ter conseguido occultar ou attenuar até onde era possivel o mau procedimento de seu marido, aproximou-se da cama d'este, dizendo-lhe:

— Filho, vou-te dar uma chavana de caldo para que se te prepare o estomago antes do almoço.

Lourenço morto de vergonha, ante a recordação da sua falta e a generosidade de sua mulher, quiz implorar o perdão de Rosa; mas impediu-lh'o a sua vaidade. Em compensação jurou para comsigo não tornar a incorrer na falta de que se envergonhava.

(Continua) B. A.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 212)

Deixando o Beato Antonio, ao cabo de um lanço de estrada não muito comprido, e parallelo ao Tejo, ergue-se da parte do norte o *palacio patriarchal de Marvilla*. Não sabemos qual foi o prelado da sé lisbonense que fundou n'este logar o primitivo paço da mitra. Todavia, esta propria falta de noticias, junta á circunstancia de se saber que varios arcebispos d'esta diocese, e principalmente o cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa, lhe fizeram augmentos e reparações durante o seculo XVII, abonam a sua antiguidade. Porém o edificio actual é obra de D. Thomaz de Almeida, primeiro cardeal patriarcha de Lisboa, filho dos condes de Avintes, ao diante elevados a marquezes de Lavradio. Este prelado, a quem el-rei D. João V consignára uma dotação condigna com as honras de infante que concedêra aos patriarchas, viveu com muita ostentação, e fez obras importantes em todas as propriedades da mitra. Ao paço de Marvilla fez uma reconstrucção desde os alicerces, dando ao novo edificio mais grandeza, e apparencia mais nobre que as do antigo paço, que, segundo dizem, era uma modesta casa de campo.

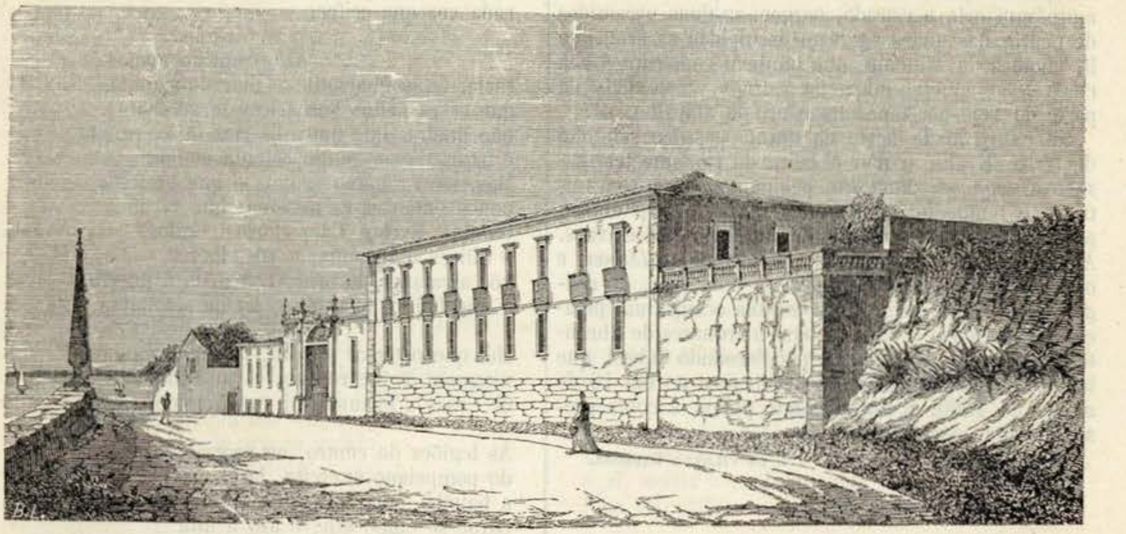
O palacio é de uma architectura regular, bem proporcionada, e com certa nobreza, mas destituida de graça e magnificencia, como se póde julgar á vista da gravura que publicâmos. A frente principal olha para o sul, e cae sobre a estrada. A de oeste deita para o pateo da entrada. A de léste estende-se por um jardim, que se eleva até á altura do andar nobre. A do norte está voltada para o jardim e quinta. O portal, que dá ingresso para o pateo, com a sua coroa de balaustradas e pyramides, é esbelto e de boa architectura. Junto d'elle, para oeste, está um edificio para accommodação de criados.

As salas do palacio são grandes, mas pobres de ornamentação, se exceptuarmos os quadros a oleo que as guarnecem. Outr'ora a riqueza dos ornatos, tanto d'este paço, como dos dos nossos reis, consistia simplesmente nos damascos, brocados, veludos e tapeçarias que vestiam as paredes, que adornavam as portas e janellas, e que cobriam os bufetes, as cadeiras, e o proprio pavimento.

Os quadros a que alludimos são retratos de alguns prelados da egreja lisbonense, pintados por diversos

artistas nacionaes, e retocados, por ordem del-rei D. João V, pelo nosso eximio patricio Francisco Vieira, mais conhecido e celebrado pelo nome de *Vieira Lusitano*, o qual foi, sem duvida, o primeiro pintor portuguez do seculo XVIII, como o grande Sequeira foi o mais distincto do seculo actual. Parte d'estes retratos achavam-se no paço velho, que se demoliu, e a outra parte no palacio archiepiscopal de Lisboa, junto da sé. O patriarcha D. Thomaz de Almeida mandou-os distribuir por duas salas do palacio de Marvilla, depois de restaurados. Porém na collocação não attenderam á ordem chronologica. O Vieira não se limitou a retocal-os. A quasi todos accrescentou emblemas allusivos ás qualidades moraes, conhecimentos ou factos da vida de cada um. N'esses caprichos de pintor umas vezes foi panegyrista, e outras critico severo.

São treze os retratos. O 1.º não tem nome, e ignora-se de que prelado seja. O 2.º é de D. Antonio de Mendonça, decimo oitavo arcebispo de Lisboa, e filho do primeiro conde de Val de Reis. Vieira, retocando-lhe o retrato, que o representa em uma camara, pintou na parede d'esta um painel, em que figura Enéas com o pae ás costas, e na moldura poz-lhe o seguinte mote: *Pius in Parentum*. O 3.º retrato é do cardeal D. Luiz de Sousa, decimo nono arcebispo. A este accrescentou o mesmo pintor sobre um bufete um grande copo cheio de agua, com as armas do cardeal figuradas no vidro, e junto do copo um papel meio enrolado, em que se lêem os titulos honorificos de sua eminencia. O 4.º é de D. Rodrigo da Cunha, decimo septimo arcebispo. N'este painel fingiu Vieira uma livraria, e nos livros escreveu os titulos das diversas obras que compoz este sabio prelado. O 5.º é do cardeal D. Jorge da Costa, oitavo arcebispo, mais conhecido pelo nome de *cardeal Alpedrinha*. D. Jorge está sentado, e encostado a um bufete, no qual pintou Vieira um livro aberto, e n'elle a estampa do paralytico com a cama ás costas, e as palavras *Tolle grabatum tuum*, que Jesus Christo lhe dirigiu no momento de o curar de seu mal. É uma allusão á fuga



Palacio patriarchal de Marvilla

do cardeal para Roma, logo que subiu ao throno el-rei D. João II, com quem tivera contradicções, sendo vivo el-rei D. Affonso V, por cujo motivo ficára desaffeiçoado a D. Jorge da Costa. O 6.º é de D. João Manuel, decimo sexto arcebispo, e que foi vice-rei de Portugal por el-rei de Hespanha D. Filippe III. Este prelado era da familia dos condes da Atalaia. O 7.º é de D. Affonso Furtado de Mendonça, decimo quinto arcebispo, o qual descendia dos duques do Infantado, em Hespanha. O 8.º é de D. Miguel de Castro, decimo quarto arcebispo. Como este retrato fosse tirado estando morto D. Miguel de Castro, e o representasse n'este estado, el-rei D. João V, que fizera diligencias baldadamente para encontrar algum que o figurasse vivo, disse para Francisco Vieira, quando este o retocava, que era preciso resuscital-o. O artista executou do modo seguinte a ordem régia. Alterou a posição dos braços do prelado, collocando-lhe a mão esquerda sobre o peito, e fazendo com que a direita apontasse para um relogio, que pintou no mesmo painel. No mostrador do relogio poz em tres rotulos o dia, mez e anno em que o arcebispo fallecêra, e, para indicar que o relogio parára n'aquella hora fatal, fingiu-lhe o ponteiro das horas caído sobre o bufete. No fundo do quadro desenhou em um medalhão, como que pendurado da parede, a resurreição de Lazaro, com a letra — *Veni foras* na moldura. O 9.º retrato é de D. Jorge de Almeida, decimo terceiro arcebispo, distincto por suas virtudes, e notavel pela energia e zêlo patriotico com que se oppoz, embora debalde, á partida del-rei D. Sebastião para a Africa. O 10.º é do cardeal infante D. Henrique, decimo segundo arcebispo, e rei de Portugal pela morte de seu sobrinho, el-rei D. Sebastião. N'este quadro quasi tudo é obra do pincel de Vieira. O cardeal infante está passeando em um jardim, solitario, triste e pensativo, com as mãos encruzadas, e segurando com a direita um maço de papeis. A um lado vê-se uma estatua de bronze representando a Lusitania. Tem a lança caída, e a cabeça cortada pela moldura, descobrindo-se-lhe o corpo só até ao pescoço. Encosta-se ao pedestal da estatua uma planta de cardo, sêcco, com dois caracoes pegados. Do outro lado está um bufete, e em cima d'elle um livro grande fechado, cujo titulo diz: *Reino de Portugal*. Sobre o livro avulta uma coroa de loiro, servindo de base á coroa de Portugal, e a par da primeira um coelho, symbolo de Hespanha, o qual, puxando e tragando ávidamente os loiros, faz tombar a a coroa dos nossos reis. O 11.º retrato é de D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, decimo primeiro arcebispo, filho dos condes de Penella. O 12.º é do cardeal infante D. Affonso, decimo arcebispo, filho del-rei D. Manuel. Dedicou-se este principe com muito desvelo aos negocios da sua egreja, onde introduziu,

entre outras reformas, a utilissima prática dos livros de assentos de baptismos, casamentos e obitos em todas as parochias da diocese lisbonense, prática que se estendeu a todo o reino, e que em um concilio geral foi acceita, e ordenada para toda a christandade. O 13.º é de D. Martinho Vaz da Costa, nono arcebispo, irmão do cardeal de Alpedrinha.

São estes os quadros antigos. Para esta galeria mandou el-rei D. João V a Francisco Vieira fazer o retrato do patriarcha D. Thomaz de Almeida.

Guardam-se nas cocheiras d'este paço os magnificos coches de que se servem os patriarchas nas grandes solemnidades. Foram feitos pelos annos de 1718 para o primeiro patriarcha, acima nomeado. Ostentam bastante riqueza e perfeição em obra de pintura e de esculptura doirada. O jardim é pobre de flores, e a quinta falta de arvoredo. Todavia, a posição do palacio é vantajosa pela largueza dos horisontes. Está situado em terreno elevado sobre o Tejo, de sorte que para ambos os lados desce a estrada. Das janellas e do jardim goza-se, portanto, dilatada vista do rio, que alli parece quasi mar. Defronte do palacio, sobre o muro que orla a estrada, erguem-se duas pyramides de pedra, nas quaes se vêem esculpidas as armas de D. Thomaz de Almeida, que tambem construiu á sua custa todo aquelle lanço de estrada, sustentado da parte do Tejo por uma alta e grossa muralha.

Na extremidade norte da quinta passa o caminho de ferro. É ahi, e não á beira do rio, que tem assento o *logar de Marvilla*, pequena povação com uns trinta e tantos fogos, e pouco mais de cem almas, pertencente á parochia de Santa Maria dos Olivaes. Acham-se n'este sitio a *eschola normal de Lisboa*, e o *convento de Nossa Senhora da Conceição*, de religiosas de Santa Brigida. A eschola occupa um palacio que pertence á casa dos srs. marquezes de Abrantes. O convento foi fundado por Fernando Cabral, que lançou a primeira pedra nos alicerces no dia 18 de março de 1660. É um convento pobre, e conta presentemente poucas freiras.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

A PHARSALIA DE LUCANO

LIVRO VII

BATALHA DA PHARSALIA

(Vid. pag. 214)

Salta a cavallaria pompeiana
sobre a hoste aggressora, e n'um lampejo
lhe afasta a um lado e a outro as duas azes,
para os confins do campo afugentadas;
traz a cavallaria, as tropas leves
'té os manipulos ultimos prorompem;
e dão furiosos no cesareo bando.

Joga alli cada povo as patrias armas
na confusa refrega; alvo de todas
é o Romano só. D'um lado, settas
silvam voando; d'outro, fachos; d'outros,
pedras, glandes de chumbo, á quem o attrito
do ar que rasgam, aquece, inflamma, funde.
Itureos, Medas, Arabes, catervas
sem ordenança, e no arco ameaçadoras,
não miram alvo: para o ceo disparam.
Chovem co'as frechas pelo campo as mortes.
Não nos culpo: são barbaros; o crime,
o horror, o sacrilegio, é todo vosso,
pilos, armas laciaes.

Que ferreo manto
cobre os ceos! á campina impende noite,
de tiros mil e mil entretecida.
Prevendo já que um subito rompante
viria a descompor-lhe a prima fronte,
Cesar postado havia após as signas
cohortes aos dois lados; arremeça-as
dos campos atravez á dextra, á sestra
(ficando as azes em seu posto immotas)
no alcance dos vagantes inimigos.
Estes descoroçoam; dá-lhes pouco
se o medo infama ou não: desatam fuga;
mostram bem que jámais fiar-se devem
nacionaes guerras de estrangeiros braços.

Apenas um corcel, nos peitos roto,
sacudiu, fronte abaixo, o cavalleiro,
e a patas o calcou, desordenou-se
toda a cavallaria; as redeas voltam;
remoinham; abalroam-se; ennovelam-se;
esmagam-se entre si. D'ess'hora ávante
foi um matar sem modo, e não batalha:
uns deixam-se immolar; outros immolam.
Nobre guerra á-la fé! Por mais que ceifem
as cesareas espadas, mais encontram
cada vez que ceifar.

Ai! possa ao menos
saciar-te, ó Pharsalia, o mar de sangue
que esses peitos barbaricos te golpham;
não queiras que outro os rios te avermelhe,
e ossos d'esse gentio ostenta embora.
Mas, se é romano sangue o que preferes,
poupa então esses miseros: que vivam
Galatas, Syrios, Cappadocios, Gallos,
e Cilices d'Armenia, e vós, Ibéros,
vós arraianos do orbe. Exhausta a guerra,
o que hoje é forasteiro, ha de ser Roma.

Mal que o terror nasceu, lavra, derrama-se;
ninguem já lhe resiste; e caudalosa
de Cesar a fortuna ahi vae troando.

Ás legiões do centro, ao proprio cerne
do pompeiano exercito, já chega;
a batalha, que errava em todo o campo,
cifrou-se então alli; e alli a dita
de Cesar vacillou. Não são já tropas
de auxiliares reis nem ventureiros,
quem lhe oppõe resistencia: lá se encontram
os irmãos, lá os paes. Lá tudo, ó Cesar,
que te incita o furor, a insania, o crime.

Foge d'este logar, minh'alma, foge.
Esta da lide abominanda phase,
afogue-a toda o baratro do olvido.
Não seja em versos meus que eras futuras
aprendam quanto mal cabe em taes guerras.
Percam-se embora lagrimas, lamentos;
tuas acções n'esta jornada, ó Roma,
não nas direi jámais.

N'este conflicto
Cesar, de quem aos seus vem toda a furia,
nem ponto quer perder de scelerar-se:
corre em torno as legiões; por toda a parte
nos animos já fogo irrita incendios:
nota a espada que toda escorre em sangue,
e a que o tem só na ponta; a mão que aperta
os copos a tremer; os que meneiam
com enthusiasmo, ou com desleixo, as lanças;
quaes brigam por forçada obediencia,
quaes por gosto espontaneo; o que desmaia
morto um concidadão. Nota não menos
quantos seu largo campo enchem cadaveres.
Se com elles de envolta acha feridos
a esvair-se da vida, acode, oppõe-lhes

as proprias mãos aos borbotões do sangue.
Por toda a parte o vêm; qual nos combates
Bellona a sacudir sanguineo açoite,
ou qual Marte os Bistonios incitando
flagella, esforça de seu carro os brutos
da egide palladia espavoridos.

Que immenso cahos de fataes horrores!
que assolar! que alarido! Um ai continuo,
descommunal, horrifico! um perenne
resoar d'armas co'o baquear dos corpos,
co'o retimtim das laminas cortantes,
que se entrebatem, se entrequebram! Cesar,
Cesar omni-presente, anda em pessoa
espadas repartindo aos que as perderam,
lanças onde é mister. Manda que aos rostos
apontem do inimigo e os desfigurem.
Empuxa, encalça, arrasta ávante as hostes.
Se algum se fica atraz, nos rins tem certo
da hasta cesarea o conto a acceleral-o.
Veda matar plebeus; mostra o Senado.
Sabe onde pulsa o coração do Imperio;
onde as chaves de Roma estão guardadas;
onde em fim de uma vez póde extorquir-te
ao mundo todo, augusta liberdade.
Preme nobreza e equestres confundidos;
os venerandos fere. A eito caem
(fera hecatomba!) Lepidos, Metellos,
Corvinos, e os de reis, já reis mil vezes,
Torquatos, grão prosapia; em summa quanto,
não fallando em Pompeo, mais claro avulta.

Em plebeu murrião sumido o rosto,
porque os olhos hostis te não descubram,
que heroico ferro, ó Bruto, has salvo a Roma!
Ó da patria brazão! preclaro Bruto!
da Curia ultima esp'rança! extremo resto
de geração tão nobre! a toda a terra
os evos todos redirão teu nome.
Não te arremeces de sobejo ardido
á torrente inimiga; aguarda; é cedo;
a tua hora final toca a Philippos.
Perecerás tambem n'essa Thessalia,
mas depois; hoje não. N'esta jornada
tentarias em vão dar morte a Cesar:
inda não attingiu poder supremo;
inda não supplantou a humanidade;
cair de um Bruto ás mãos não deve ainda:
viva e reine! mereça a morte illustre!

Quanto adornava a Roma, ahi jaz defuncto:
permistos em montão patricios, plebe.

Por entre tantas mortes memorandas
sobresae a do intrepido Domicio.
Que sorte a d'este heroe! Derrota grande,
nunca sem elle a houve! onde a fortuna
de Pompeo désse quéda, achava-o sempre!
Por Cesar, quanta vez não foi vencido!
Alfim morre, mas livre. Alegre solta
por golpes mil a vida. É-lhe consolo
que outro cesareo indulto o não espera.
Vendo-o extorcer-se em charco de sangueira:

—«Quê! pois já do teu *Grande* as armas foges,
«meu successor Domicio!—exclama Cesar
com feroz zombaria—assim nos deixas
«a guerrear sem ti?»—

Forçando o alento
no arquejar afanoso, estas palavras
lhe torna o moribundo:

—«Ao menos, baixo
«livre, seguro, e pompeiano ao Orco.
«Dos crimes teus o abominavel premio
«sequer não tens por ora; em trances ficas:
«deixo ainda a Pompeo maior que Cesar.
«Parto, sim; mas alegre co'a esperança
«de que has de ser vencido, e alto escarmento
«haveremos de ti: Pompeo, nós todos...»—
Não póde mais. Expira. Os olhos cerra.

Caíu na Stygia noite.

Ah! que vergonha!:
no funeral do mundo estou chorando
mortos a um e um! se os ha sem numero,
a que vem perquirir de cada morto
como o varára o ferro?: o como um pisa
a propria entranha aos pés; outro co'a espada,
que pela boca lhe descêra ás fauces,
expede o sangue e o folego; qual subito
ao golpe se baqueia, e qual persiste
em pé, já decepado; os que atravessa
do peito ao dorso um dardo, e os que derruba
e crava ao chão a lança. Aqui o sangue
a espadanar da rota veia aos ares,
d'onde recae nas armas do inimigo;
um fratricida alli o irmão degola,
longe arroja do corpo conhecido
a cabeça, importuna testimunha,
e o rouba; um filho, que a seu pae no rosto
já mutilou, feroz o decapita,
por mostrar co'o requinte da inclemencia
que o não reconheceu. D'esses trespassos
nenhum merece as honras de um queixume;
deter-me-hia a chorar sobre individuos?

O exicio de Pharsalia excede aos outros!:
nos mais perdia Roma alguns soldados,
perde povos aqui; nações, não homens,
seus cadaveres são. Lá, derramava
sangue de Acheos, de Ponticos, de Assyrios;
aqui, vertia o proprio a par com os outros.
Nem se coalhava o sangue; ia em torrentes.

A cresta que hão levado em tal recontro,
excedeu ás que os povos n'essa edade
podiam comportar. Mas nós perdemos
mais do que salvação, mais do que a vida:
ficâmos para sempre escravisados.
Das espadas de então vencidos fomos,
os que inda então não eramos; e o jugo
que em nós pesa, hão de os seculos herdal-o.

Como! em que hão merecido filhos, netos,
nascer para servir? fomos nós outros,
quem batalhou a medo e a arrodelar-se?
não; pagâmos a alheia covardia.

Impor tyranno aos que depois nasceram,
e prival-os da guerra, é duro, ó sorte!

O *Grande*, o sem-ventura, alfim conhece
que os deuses, que os destinos dos Romanos,
transfugas se hão passado ao campo adverso.
Foi mister, e houve custo, exicio tanto,
para o desenganar.

A um alto assobe,
d'onde avista de longe os campos thessalos
alastrados de mortos; quadro funebre
que até 'li no remoinho da batalha
se lhe havia occultado. Ai! que de tiros
contra o destino seu! Que de cadaveres!

Figurou-se-lhe então ser elle proprio
quem só em tanto sangue se esvaía.

Mas Pompeo não é naufrago que anceie
ao sumir-se na tetrica voragem
levar tudo comsigo, ou se console
de perecer co'o perecer do mundo:
porque do Lacio o mais lhe sobreviva,
quer inda crer que os ceos hão de escutal-o;
tenta allivio no orar:

—«Numes! — exclama —
«não destruaes de um lance os povos todos.
«Sem que o orbe se alua e Roma expire,
«desgraçar-me podeis. Se vos não basta
«quanto já me heis ferido, haveis-me a esposa,
«haveis-me os filhos; dei refens aos fados.
«Não basta ao genio das civis discordias
«o esmagar-me co'os meus? para hecatomba
«quer comnosco a seus pés o mundo inteiro?
«Adjuraste, ó fortuna, os teus esforços
«a calcar, a perder a quanto existe?
«Para quê? nada é meu.»—

Disse. Percorre
por entre as armas, os pendões, e as turbas
descoroçoadas já: retrae, revoca
do inevitavel p'rigo os que inda o buscam.

—«Volvei; sobra—lhes diz—não valho eu tanto.»—

Não é que ao general valor falleça
de ir arrojar-se ás pontas das espadas,
garganta e peito descoberto aos golpes;
é que, se elle cair, disfogem todos;
se o chefe baquear, baqueia o mundo.
Ou não soffre que morto o encare Cesar?
Ah! que val, infeliz, que o tu não soffras?
Succumbas onde quer que succumbires,
tens de pascer co'a livida cabeça
os olhos de teu sogro insaciavel.

Mais outra causa te constrange á fuga:
não vês comtigo a idolatrada esposa,
e é teu fado morrer aos olhos d'ella.

Da batalha se arranca á redea solta.
Não teme que na espalda o colham tiros;
oppõe grandeza d'alma á do infortunio.
Não chora, não suspira. A dor que soffre
não quebra a magestade: impõe respeito:
é a dor de um Pompeo no mal de Roma.
Não demuda semblante olhando Emathia.
Se outr'ora vencedor não foi soberbo,
vencido não succumbe. As alegrias
dos seus triumphos tres, hoje a fortuna
lh'as desconta infiel; mas elle em terra,
inda a vence: é maior. Desapressado
dos destinos de Roma e do universo,
partiu livre e seguro.

Agora has vaga
de rever na lembrança os bens de outr'ora;
do esperar sempre em vão já estás liberto;
recogita sem medo o que tens sido.
Foge d'estas horrificas batalhas,
e attesta aos immortaes que d'ora ávante
quem nas armas teimar, por ti não morre.

Como o que havia de perder-se em Africa,
na criminosa Munda, e phario pego,
tanto o mais do pharsalico destroço
depois de tua ausencia a ti não toca:
já não és nome popular pelo orbe,
nem facho marcial. Luctam na arena
(duello eterno!) liberdade e Cesar.
Vaes fugido, e o Senado inda peleja;
a causa por quem morre, é pois a sua.
Não te hei de emboras dar vendo-te expulso
virar costas á guerra, e livre agora,
de presenciar sacrilegos horrores,
e bandos de homens a espumar quaes feras?!

Volve ao que te lá fica os olhos d'alma:
verás rios de sangue oppor-se aos rios.
Tem dó do sogro teu. Vencesse embora;
com que animo ao pensar n'esta jornada
entrará elle em Roma? Exul, errante,
sósinho, em regiões desconhecidas,
tu sim padecerás; e mais, e quanto
sob o phario tyranno! E todavia,
(crê nos ceos, crê no fado amigo ha tanto)
peior fôra vencer!

Veda lamentos:
não permittas que os povos te deplorem;
desterra o pranto, o lucto. Adore o mundo
no zenith a Pompeo, Pompeo no occaso.

Não supplice, mas firme, os reis encara.
Das cidades outr'ora teu dominio,
e dos reinos que has dado: Egypto, Libya,
escolhe onde acabar teus dias queiras.

Foi Larissa a primeira testimunha
da ruina do heroe: nobre cabeça
que nem se humilha ao fado. Em chusma o povo
sae muralhas em fóra a recebel-o,
nem que venha em triumpho; e quanto possam
lhe promettem chorando. Abrem-lhe os templos,
abrem-lhe os lares. Por mercê lhe imploram
nos infortunios seus os consocie.

—«Quanto do immenso nome inda te resta!
«só inferior a ti, pódes ainda
«ás armas as nações chamar de novo,
«de novo os fados provocar a campo.»—

—«Povos, cidades, — lhes responde o *Grande* —
«que me valem agora?: estou vencido.
«Dae preito ao vencedor.»—

Cesar, do cume
de montões de cadaveres, progride
a apesinhar as visceras da patria,
quando o genro as nações já lhe resigna.

Pompeo monta, e lá parte, após deixando
ais, prantos, queixas vãs d'um povo inteiro
contra os deuses tão barbaros. Agora,
agora é que recebe a prova, o fructo
do popular favor que ambicionava.
Como ha de o que é feliz saber se o amam?

(Continua) JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

THEMAS CLASSICOS

Para se fazer um edificio ou fabricar uma torre, não se lhe dá principio pelos telhados, nem se começa pelas grimpas e zimborios, mas pelos alicerces; os quaes se abrem, cortam, e fazem conforme a machina que sobre elles se ha de fabricar.

Assim o sabio mestre accommodará a doutrina á medida da edade do alumno, e o exercicio á potencia e forças, não fundando sobre barro estatuas de bronze, nem sobre areia grandes machinas; antes de maneira irá com o prumo na mão, que sempre seja menos o ensino do que a natureza podér, para que com maior doçura e menos trabalho se lhe applique o discipulo.

MIRANDA — *Tempo de Agora.*